



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
FACULDADE DE HISTÓRIA

RAFAEL VIEIRA LIRA

História e arte sequencial: O uso das HQs como um recurso nas aulas de história para debater o período Pós Segunda Guerra.

São João de Pirabas
2023

RAFAEL VIEIRA LIRA

História e arte sequencial: O uso das HQs como um recurso nas aulas de história para debater o período Pós Segunda Guerra.

Trabalho de conclusão de curso apresentado como obtenção de grau em Licenciatura em História, Faculdade de História, da Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Anna Maria Alves Linhares

São João de Pirabas
2023

(Página destinada à inclusão da ficha catalográfica)

Acesse <http://bcficat.ufpa.br/> para gerar a ficha catalográfica

RAFAEL VIEIRA LIRA

História e arte sequencial: O uso das HQs como um recurso nas aulas de história para debater o período Pós Segunda Guerra.

Trabalho de conclusão de curso, em modelo de artigo, orientado pela professora Anna Maria Alves Linhares, apresentado como obtenção de grau em Licenciatura em História, Universidade Federal do Pará

Data da aprovação: ____/____/____

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Anna Maria Alves Linhares
Orientadora – Universidade Federal do Pará (Ananindeua)

Prof.^o Dr.^{a o} Wesley Oliveira Kettle
Examinador interno – Universidade Federal do Pará (Ananindeua)

Prof.^o Dr.^{a o}
Examinador interno – Universidade Federal do Pará (Ananindeua)

Dedico todas as linhas deste artigo a minha família que sempre esteve do meu lado, e principalmente aos meus pais, pelo apoio e dedicação, sem vocês essa conquista não seria possível.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a meus pais, por me proporcionarem tempo e condições para que eu pudesse cursar e concluir o meu curso, sem a contribuição de vocês toda essa luta não seria possível.

Um agradecimento a todos os docentes e funcionários que direta e indiretamente fizeram parte dessa trajetória de muita luta e suor, de certa forma vocês fizeram parte de toda essa conquista.

Um agradecimento especial a minha orientadora, Anna Linhares pela paciência, dedicação e pelo seu magnífico trabalho, sempre disposta a ajudar não importava a hora em que era solicitada, nunca irei esquecer tudo que fez por mim nessa trajetória acadêmica. Obrigado de coração.

E finalmente aos meus irmãos, pela força, apoio e pelas palavras de conforto, nos momentos em que eu pensei em desistir vocês foram o meu Norte e a minha luz no fim do túnel. Graças a todos vocês eu levarei essa conquista para o resto de minha vida.

História e arte sequencial: O uso das HQs como um recurso nas aulas de história para debater o período Pós Segunda Guerra.

RESUMO

O referente artigo tem como objetivo discorrer sobre a maneira que as revistas em quadrinhos podem servir como recurso didático para educadores(as), nas aulas de história, demonstrando como o uso dessas histórias pode tornar o ensino mais atrativo e da mesma forma estimular a participação dos alunos ao utilizar temas que estão dentro de sua realidade. Procurando meios para atingir essa meta exploramos o uso da arte sequencial, termo utilizado para descrever formas de arte que fazem uso de imagens empregadas em uma ordem específica para fins de narrativa gráfica ou transmitir informações. Afim de explorar esta possibilidade serão analisadas revistas do herói chamado incrível Hulk, procurando similaridades entre as histórias narradas nesses quadrinhos com o contexto histórico apresentado na época da guerra fria, assim tentando apresentar meios de utilizar estas revistas como uma ferramenta capaz de aprimorar de forma significativa o ensino e a maneira como as (os) educandas (os) veem as aulas de história. E teoricamente, com o planejamento adequado será possível tornar essas aulas mais interessantes. E isso pode ser uma resposta para atrair a atenção de nossos alunos para as aulas de história.

Palavras-chave: Ensino de história, Quadrinhos, Produtos de ensino, Arte Sequencial.

History and sequential art: The use of comics as a resource in history classes to discuss the post-World War II period.

ABSTRACT

The aim of this article is to discuss how comic books can serve as a teaching resource for educators in History classes, demonstrating how the use of these stories can make teaching more attractive and in the same way stimulate participation of students when using themes that are within their reality. Looking for ways to achieve this goal we explored the use of sequential art, a term used to describe art forms that make use of images employed in a specific order for the purposes of graphic storytelling or conveying information. In order to explore this possibility, magazines featuring the hero called the incredible Hulk will be analyzed, looking for similarities between the stories narrated in these comics with the historical context presented during the Cold War, thus trying to present ways of using these magazines as a tool capable of significantly improving teaching and the way students see history classes. And theoretically, with adequate planning it will be possible to make these classes more interesting. And this could be an answer to attracting the attention of our students to history classes.

Keywords: History teaching, Comics, Teaching products, Sequential Art.

1 - INTRODUÇÃO

O referente artigo discorre sobre como a arte sequencial pode impactar positivamente na produção de conhecimento dentro de sala de aula, de modo a atrair a atenção dos educandos para as aulas de história. Reitera-se que a arte sequencial consiste em figuras organizadas em uma ordem pré-definida, sendo a base para diferentes representações artísticas, dentre elas as revistas em quadrinhos (HQs). Parte-se da premissa de que o educador irá utilizar uma metodologia que condiz com a realidade dos alunos, de um ponto de vista presente no cotidiano e nas conversas com a turma, tornando assim as revistas em quadrinhos (HQs) possíveis ferramentas para aprimorar o ensino aprendido.

A arte sequencial foi uma expressão cunhada pelo quadrinista Will Eisner para especificar formas de arte que fazem a utilização de imagens organizadas em sequência, assumindo um formato pré-determinado com a finalidade de apresentar uma narrativa ou acontecimento histórico. Pode-se citar como arte sequencial as gravuras rupestres encontradas em cavernas espalhadas pelo mundo. Um dos maiores exemplos são as histórias em quadrinhos ou Mangás, que foram uma importante manifestação cultural e artística no século XX, pelo fato de ser uma fonte literária de baixo custo e que atingia as massas, como afirma Mendonça (2011):

Em meio ao surgimento das HQ, os meios de comunicação de massa consolidaram sua força e começaram a ter um papel significativo no aspecto cultural em função do alcance que as produções artísticas passaram a ter e pelas novas modalidades que dela advinham, além do estreitamento com uma parcela maior do público. (Mendonça, 2011, s/p).

A arte sequencial são imagens em ordem, usadas para contar uma história ou narrativa, e não se resume meramente as revistas em quadrinhos (HQs). Esses símbolos gráficos também são utilizados em pinturas, charges de jornal e até mesmo nas primeiras salas de cinema, que mostravam filmes de poucos segundos formados por imagens em sequência transmitidas através de um quinetoscópio, o que demonstra a versatilidade desse tipo de arte. Segundo Mascarello (2006):

O quinetoscópio possuía um visor individual através do qual se podia assistir, mediante a inserção de uma moeda, à exibição de uma pequena tira de filme em looping, na qual apareciam imagens em movimento de números cômicos, animais amestrados e bailarinas. O quinetógrafo era a câmera que fazia esses filmetes. O primeiro salão de quinetoscópios, com dez máquinas, cada uma delas mostrando um filme diferente, iniciou suas atividades em abril de 1894 em Nova York. (Mascarello, 2006, p. 18-19).

Atualmente, o principal exemplo de arte sequencial são as revistas em quadrinhos (HQs). Segue uma imagem ¹que ilustra esta forma de arte, com trechos da revista do incrível Hulk, onde as figuras se apresentam em uma sequência como uma forma de contar uma história real ou ficcional:

Figura 1 Imagem retirada da revista Hulk 01 de 1962



Autores: Stan Lee e Jack Kirby

As revistas em quadrinhos representaram uma nova maneira de manifestação cultural, reunindo diferentes elementos de linguagem:

As HQs marcaram os acontecimentos do século XX, por serem formadas pela junção de dois códigos de signos gráficos: a imagem e a linguagem escrita. A junção de duas áreas diferentes deu início a uma nova forma de manifestação cultural e a um campo vasto para o uso da criatividade, da percepção, da expressão artística pessoal e uma possibilidade para a construção de conhecimento (Mendonça, 2006, p. 11).

Com um olhar mais aprofundado na educação no século XXI, percebe-se que a preparação ou planejamento é indispensável para o processo de ensino, pois torna as aulas mais envolventes e interessantes. Tomando como base uma década em que a população pode encontrar milhares de informações ao alcance de um *click*, acaba sendo muito fácil para o jovem se distrair com temas adversos. Essa abundância de conteúdo e o uso do celular pode gerar barreiras entre professor e educandos. Diante disso, cabe ao educador buscar novas formas de aperfeiçoar as suas aulas. A Escola de Annales, tida como um “movimento reformador da história” (Costa; Santos, 2023, p.144), defende e ressalta que a educação deve ir muito além das fontes consideradas convencionais. Pregava, assim, a interdisciplinaridade como uma forma de aumentar as fontes e a produção de conhecimento histórico. Barros (1992) pontua que:

¹ As imagens utilizadas neste artigo estão em Inglês, idioma original da publicação por conta de Copyright, devido a direitos autorais você só pode fazer uso da imagem que você possua a original.

Podemos lembrar ainda que, a partir do século XX, quando a geografia e a história passaram a atuar interdisciplinarmente, mesmo uma paisagem natural passou a ser encarada como uma possibilidade documental. O mesmo se pode dizer das relações entre a história e a linguística, e algo análogo ocorre com as perspectivas que se produzem na confluência entre história e antropologia. (Barros, 2019, s/p).

Dentro da educação tradicional, era bastante comum a utilização da educação bancária já descrita por Paulo Freire. Segundo Freire (1996) os alunos eram vistos como meros receptores de conhecimento, o que acabou perpetuando o desinteresse destes em vários debates. Em sala, o autor deste artigo se deparou com alunas e alunos que pensavam a história como uma disciplina com pouca ou nenhuma aplicabilidade, já que ainda prevalece uma visão de que estudar o passado é uma mera formalidade e uma perda de tempo dentro do currículo.

Nas experiências de estágio, dentro do ensino de história, foi observado que os estudantes apresentavam pouca habilidade na escrita, um vocabulário extremamente efêmero e, principalmente, bastante dificuldade na leitura. Contexto que acarretava uma completa falta de motivação dentro das salas de aula. Essa vivência provocou uma reflexão sobre possibilidades, maneiras de melhorar este cenário, em um modo de atrair a atenção dos alunos para as aulas de história. Afinal, o que se encontrou foi o pouco interesse pelos conteúdos apresentados e por qualquer tema que fosse mais complexo. Entende-se que o uso das revistas em quadrinhos (HQs) pode facilitar o problema de leitura e escrita, não que as revistas sejam mais fáceis de ler e/ou interpretar, mas o uso das mesmas tende a ser mais atrativo devido ao fato de se dar uma forma de arte popular entre os jovens.

O uso das revistas em quadrinhos (HQs) pode estimular o aluno a buscar informações utilizando fontes que são de seu interesse, fazendo analogias com a historicidade e com o contexto histórico e facilitando, assim, a assimilação de conteúdos ao adotar uma abordagem completamente nova e que está presente no cotidiano dos discentes. Um ponto positivo a se pensar é o enriquecimento do vocabulário e um aumento na participação desses alunos dentro de sala de aula. Dois aspectos que tendem a passar por mudanças benéficas com o estímulo da leitura, pois o indivíduo que lê tende a escrever de forma mais adequada. Essa pode ser uma alternativa para reverter o baixo índice de crianças alfabetizadas, que vem sendo um dos problemas principais dentro das séries iniciais, segundo Weschenfelder (2022):

Paulo Freire alfabetizou adultos em apenas 45 dias, fundamentado na construção de aprendizagens a partir do universo desses. Ensinou a partir da realidade, utilizando objetos do seu dia a dia, como materiais didáticos. A metodologia Freiriana utiliza a bagagem cultural de cada indivíduo e transforma em conhecimento. (Weschenfelder, 2022. p. 14).

Seguindo essa linha, a pesquisa propõe analisar as revistas do incrível Hulk como uma ferramenta para debater sobre o período que compreende a Guerra Fria. Busca, portanto, similaridades entre o conteúdo das revistas em quadrinhos (HQs) lançadas na década de 1960 e a historiografia de um conflito que marcou o mundo, seja pelos embates que ocorreram em frentes espalhados pelo globo, seja pelos próprios avanços científicos e tecnológicos proporcionados pela corrida espacial, um dos episódios mais marcantes que aconteceram no período que assinalou o embate entre Estados Unidos e União Soviética.

Afinal, como chamar a atenção dos alunos para um tema tão importante? Acredita-se que partindo exatamente de sua realidade e das suas vivências. Will Eisner (1989) situa que, “desde a primeira aparição dos quadrinhos essa forma popular de leitura encontrou um público amplo e passou a fazer parte da dieta literária inicial da maioria dos Jovens” (Eisner, 1989.). No século XXI, as HQs conseguiram atingir uma audiência bastante abrangente, que vai muito além de crianças e jovens. Um dos fatores responsáveis por esse crescimento é a criação e lançamento de diversos filmes e séries ao longo da última década.

O ensino de história deve ser pensado para além dos livros didáticos, buscando novos métodos e metodologias que possibilitem ao professor sair do estigma da “educação bancária”, citada por Paulo Freire (1996). Nela, o aluno não passa de um cofre vazio, que deve ser preenchido, desconsiderando a carga de conhecimento que este educando já possui. Conhecimento esse adquirido de acordo com as suas relações sociais e culturais. A propósito, por que não usar este conhecimento a favor dos professores, utilizando a sua realidade como forma de construção de saber?

A leitura é uma janela para um universo de descobertas e encorajar a pesquisa a partir do cotidiano dos alunos pode facilitar a compreensão de temas mais complexos. Conforme o que está sendo proposto neste artigo, pode-se dialogar com um acontecimento histórico do século XX analisando uma fonte que está presente no dia a dia dos alunos. Sobretudo, pode-se propor transformações na maneira como é desenvolvida a construção de conhecimento, pois a educação não deve correr à margem da contemporaneidade e mudanças significativas são exigidas em cima de um modelo de ensino que prevalece desde o século XIX.

2 - Revistas em quadrinhos nas aulas de história.

Fontes históricas são vestígios ou indícios produzidos pela ação humana, esses resíduos da história podem ser materiais ou imateriais ao mesmo tempo que essas fontes são de extrema importância para pesquisadores, antropólogos e historiadores. Até o século XIX,

os positivistas acreditavam que o único tipo de documento válido para a construção de conhecimento era o escrito. Contudo, essa visão positivista de análise de documentos oficiais ligadas à nação, ao estado ou a grandes figuras políticas foi sendo desfeita ao longo do século XX. Estudos mostram que existem outras fontes documentais como pinturas, esculturas, fotos e relatos orais, que também podem ser utilizadas como uma forma de se compreender acontecimentos ou civilizações ao longo do tempo. Barros (2019) esclarece que:

“Fonte Histórica” é tudo aquilo que, por ter sido produzido pelos seres humanos ou por trazer vestígios de suas ações e interferência, pode nos proporcionar um acesso significativo à compreensão do passado humano e de seus desdobramentos no Presente. As fontes históricas são as marcas da história. Quando um indivíduo escreve um texto, ou retorce um galho de árvore de modo a que este sirva de sinalização aos caminhantes em certa trilha; quando um povo constrói seus instrumentos e utensílios, mas também nos momentos em que modifica a paisagem e o meio ambiente à sua volta – em todos estes momentos, e em muitos outros, os homens e mulheres deixam vestígios, resíduos ou registros de suas ações no mundo social e natural. (Barros, 2019, s/p)

Este novo movimento, que abandonava a visão positivista, nasce na Revista dos Annales, fundada por Marc Bloch e Lucien Febvre em 1929. A principal proposta do periódico era abandonar o estilo de escrita que vinha dominando o século XIX, abandonando a visão genérica da história, e optando por uma história de longa duração, fazendo uso de novas fontes e, até mesmo, da interdisciplinaridade. Isso tornou a historiografia muito mais complexa, o que permitia uma melhor compreensão das civilizações. Essa mudança foi impactante e inovadora, acabando por colocar em questionamento a história tradicional e trazendo à tona elementos renovados para o conhecimento de civilizações e sociedades. A Escola dos Annales deixou um legado de inovações historiográficas que são utilizadas até os dias de hoje e, acima de tudo, mudou significativamente a maneira como vemos as fontes e os acontecimentos históricos, que agora vão muito além de datas e grande nomes políticos, como contextualiza Burke (1992):

Por volta de 1900, as críticas à história política eram particularmente agudas, e as sugestões para sua substituição bastante férteis. Na Alemanha, nesses anos, ocorreu a chamada “controvérsia de Lamprecht”. Karl Lamprecht, professor em Leipzig, colocava em oposição à história política – nada mais do que uma história de indivíduos – a história cultural ou econômica, considerada como a história do povo. Posteriormente, definiu a história “primordialmente como uma ciência sociopsicológica. (Burke, 1992, p.13)

As novas fontes pensadas pela Escola dos Annales são indícios produzidos pelo homem. Logo, é viável partir do cotidiano do público-alvo, fazendo a utilização de fontes pouco ortodoxas, mas que façam parte de sua realidade. Dentro deste cenário, se encaixa a arte sequencial, que é um termo cunhado pelo quadrinista Will Eisner, para retratar formas de

arte que fazem o uso de imagens empregadas em uma ordem específica, com a finalidade de representar uma história ou narrativa gráfica. Um dos exemplos mais comuns são as próprias revistas em quadrinhos (HQs), um recurso narrativo para diversas histórias, sejam elas de caráter ficcional ou real.

A imagem abaixo mostra a maneira como a arte sequencial é organizada, segue uma sequência definida sempre da esquerda para a direita, cada quadro segue uma ordem e, assim, a narrativa acaba sendo formada.

Figura 2 - Arte Sequencial



Fonte: Site, Design Culture, 2016

Dizer quem foi o criador das primeiras histórias em quadrinhos é uma tarefa difícil, pois ao longo da história existem muitos nomes concorrendo ou lutando por este lugar. No entanto, as origens desse estilo de narrativa gráfica se perdem no tempo. Culturas antigas, como a egípcia e a grega contavam histórias a partir de sequências de imagens pintadas ou desenhadas em pedras ou papiros. Pode-se observar gravuras e imagens organizadas de forma sequencial, conforme a seguinte figura:

Figura 3 - Arte Sequencial no antigo Egito



Fonte: Site, Memphis Tours, 2023

A imagem acima ilustra a representação de um processo de mumificação da cultura egípcia, história contada em uma ordem definida como uma forma de narrativa. Esse é um ótimo exemplo de arte sequencial. Porém, quando se fala de revistas em quadrinhos ou HQs, há um elemento de junção entre dois signos linguísticos: a imagem e a escrita. Este elemento surge retratado dentro das revistas em quadrinhos como o balão de fala, um método para se contar a história que vai além de apenas imagens, tornando este modelo de narrativa mais completo e atraente.

Dentre os possíveis criadores das histórias em quadrinhos, dois se destacam. São Alfred Harmsworth, jornalista e magnata da imprensa que lança, no ano de 1890, em Londres, a primeira revista de publicação semanal com histórias desenhadas em forma de tirinhas que continham sátiras e humor. Essa revista se chamava *Comic Cuts*. A obra de Harmsworth contava com mais textos do que desenhos. Partindo do pressuposto de que, para ser uma revista em quadrinhos, precisaria contar com um elemento principal que seria o balão de fala, o título de criador das HQs fica com o norte americano Richard Outcault. Richard acabou condensando tudo aquilo que já havia sido feito até então e passou a utilizar nas suas histórias do *Yellow Kid*, publicadas regularmente a partir de 1897, no *The New York Journal*.

A nona arte ou os quadrinhos, como são conhecidos, constituem na época uma literatura praticamente nova, e uma forma mais acessível de leitura, pois o material era impresso em folhas de jornal, cujo custo era menor. Lembrando que se trata de um período em que não existia televisão e a leitura era a forma mais usada de entretenimento, principalmente por meio dos jornais. Nesse recorte final do século XIX, início do século XX, os Estados Unidos passavam por uma intensa imigração, que ocorria de forma irrestrita. Os imigrantes não possuíam uma situação financeira favorável sob o ponto de vista social, sua grande maioria não falava inglês e o jornal era uma forma mais barata de aprender a língua, o que ajudou a popularizar os quadrinhos que, na ocasião, eram veiculados como tirinhas humorísticas dentro desses periódicos. Segundo Schmidt (2013):

As políticas de imigração americanas provocaram um debate nacional no final do século XIX e começo do século XX: ainda que a imigração irrestrita tenha ajudado a construir os Estados Unidos, muitos cidadãos acreditavam que o país não poderia continuar a absorver o crescente número de imigrantes. (Schmidt, 2013, p.631)

Além dos já aclamados personagens humorísticos e heróis representados em suas imagens, as revistas em quadrinhos também eram utilizadas para retratar acontecimentos históricos e o contexto social apresentado no momento. De certa forma, as revistas traduziam

o cotidiano das pessoas e expressavam aspectos sociais, retratando as grandes potências econômicas ou bélicas, violência e lutas de classes, aspectos importantes que fazem parte do imaginário popular. Giora (2012) reitera que:

Os quadrinhos podem ser um instrumento didático/pedagógico poderoso na veiculação de ideários, no reforço de valores éticos e estéticos prezados pela sociedade, mas também podem transmitir realidades distorcidas contrárias a esses mesmos valores, sem que sejam claramente percebidos pelo fruidor, devido ao impacto que causam na estrutura mais profunda do psiquismo humano. (Giora, 2012, p.61)

As revistas em quadrinhos vêm sendo usadas ao longo de décadas como uma maneira de contar histórias de forma gráfica. Essas histórias podem ser ficcionais ou baseadas em acontecimentos reais. As HQs também podem e devem ser utilizadas como recursos na produção de conhecimento já que, quando analisadas, carregam informações importantes desde sua narrativa e, até mesmo, o contexto em que foram produzidas. Essas informações já nos trazem uma gama de conhecimentos que podem ser utilizados dentro de sala de aula, como uma forma de ampliar o ensino aprendizagem.

As revistas em quadrinhos vêm passando por diversas modificações ao longo das últimas décadas, deixando de ser vistas como uma leitura exclusiva de crianças para ser compreendida como uma forma de lazer para um grupo extremamente diversificado. No que se refere a utilização de quadrinhos dentro do ensino de história, essa aceitação foi ainda mais significativa em meados da década de 1970, com a eclosão de quadrinhos com fins educativos. O fenômeno ajudou a mostrar que as HQs poderiam servir como um mecanismo para a transmissão de conhecimentos dentro e fora da sala de aula. De acordo com Lima (2017):

Desde os anos 1980 as análises relativas aos quadrinhos e ao saber histórico tem se ampliado no Brasil, merecendo destaque os trabalhos de Zélia Lopes da Silva, Marco Aurelio Pereira, Sonia Bide Luyten, Valdomiro Vergueiro e Paulo Ramos. Em *Quadrinhos na educação da rejeição a prática* (2009), Vergueiro e Ramos argumentam que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, ao apontar para a necessidade de inserção de novas linguagens e manifestações artísticas nos ensinos fundamental e médio, ampliou as possibilidades de utilização dos quadrinhos no ensino, mas foram os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), lançados em 1997, que colocaram as HQs diretamente nas salas de aula. (Lima, 2017, p.148-149)

Dentro da sala de aula, na maioria das vezes, as histórias em quadrinhos eram utilizadas na maioria das vezes nas disciplinas de português e literatura. Isso por causa dos livros didáticos que fazem uso desse gênero textual, principalmente para o ensino da gramática. O

que faltava era a percepção de que esta é uma ferramenta que leva à compreensão da dimensão histórica e política em que ela está inserida. O próprio sujeito criador deste instrumento, dessa revista, está localizado historicamente. Então, esse autor ilustra aspectos da mentalidade da época e, aproximar esse contexto, essa mentalidade, é o foco da utilização das HQs como um instrumento dentro das aulas de história. Para Gomes (2014):

O ensino através dos gêneros textuais tem sido nos últimos anos uma das grandes ferramentas para o ensino de Língua Portuguesa. No entanto, é comum encontrarmos exemplos de gêneros, em livros didáticos, que são explorados apenas como pretexto para se ensinar gramática. A funcionalidade do texto e seus recursos discursivos são, muitas vezes, deixados de lado em prol do ensino da gramática através de fragmentos textuais, mas trabalhar o texto é mais que extrair dele elementos gramaticais. (Gomes, 2014, s/p)

Então, as HQs podem empreender uma contribuição de grande relevância nas aulas, ainda mais pensando no fascínio que o homem sempre teve no que se refere às imagens. Como já foi posto, as imagens estão no imaginário das sociedades há muito tempo, seja em forma das figuras rupestres ou dos afrescos e pinturas religiosas do século XIV. O próprio livro didático conta com uma infinidade de imagens e fotos para que o educando tenha um melhor entendimento do assunto que está sendo abordado. Ou seja, devido a esse fascínio da sociedade no que se refere a imagens, é necessário que o educador as traga para dentro do ensino de história, como uma ferramenta visual capaz de transformar o modo como a disciplina é compreendida.

As revistas em quadrinhos (HQs) carregam um grande potencial a ser explorado no que se refere à construção e transmissão de conteúdo. E o diálogo com essas ideias, que vão para além do argumento positivista, é muito interessante. A utilização de novas fontes, uma nova maneira de se entender a história, destoa do engessamento das documentações escritas ditas como oficiais, que acabam tratando apenas de grandes acontecimentos, datas, e figuras históricas “importantes”, na sua grande maioria homens com algum tipo de envolvimento político. segundo Pinheiro (2021):

A possibilidade da utilização de HQs no ensino de História rompe com a metodologia de uma aula exclusivamente utilizando o livro didático, na qual ele é a única fonte de conhecimento e reflexão histórica. Ampliando a perspectiva dos alunos para novas fontes histórias e novos métodos de aprendizagem. (Pinheiro, 2021, p.14)

A utilização desse novo símbolo linguístico pode causar um grande impacto positivo dentro e fora da sala de aula, não apenas com o intuito de atrair a atenção dos educandos para temas mais complexos, mas como uma forma de construção de identidade e na própria

formação de consciência desses alunos. O que, em parte, é a função e o objetivo dos professores de história, não apenas nas salas de aula, mas como uma forma de preparar estes alunos para a vida em sociedade:

Os quadrinhos inserem-se no universo dos meios de comunicação de massa e desempenham um papel muito importante na formação da consciência. Constituem-se, ao lado de outras importantes mídias, tais como a televisão, cinema, rádio, internet, em verdadeiras “escolas paralelas”, como são denominadas pelos franceses. Somente nas últimas décadas os quadrinhos tem sido objeto de estudo e pesquisa dentro e fora da academia, pois afinal de contas, são um fenômeno presente em todos os espaços do cotidiano a serviço da socialização dos indivíduos. (Giora, 2012, p. 59).

Além de tornar o ensino de história muito mais atrativo, as revistas em quadrinhos podem servir como um estímulo para a leitura, pois acabam sendo mais interessantes quando relacionadas ao livro didático. Desse modo, facilitam o entendimento de temas mais complexos, indo além das meras palavras, justamente por ser a junção de dois símbolos gráficos, o texto e a imagem. Utiliza, assim, uma nova abordagem, tornando o ensino de história mais leve. Pinheiro (2021) complementa:

Sendo assim, com a progressiva aceitação das histórias em quadrinhos nas escolas e sala de aula, entendendo suas linguagens e a gama de possibilidades do seu uso e abordagem, pode-se perceber que as HQs não são apenas uma leitura de entretenimento e cultura de massa, mas pode ser usada de forma didática, trazendo para a sala de aula novas perspectivas e abordagens antes não trabalhadas. (Pinheiro, 2021, p.16)

Porém, as revistas em quadrinhos (HQs) podem ir muito além dos conteúdos discutidos dentro de sala de aula, falando de temas sociais e, até mesmo, transversais, que são de difícil abordagem. O uso das revistas permite tratar de temas como sexualidade, certo e errado e muitas outras nuances que são de difícil entendimento para os alunos. Tudo isso contido nestas páginas, carregadas de onomatopeias e de sentimentos, que podem servir como um importante recurso gráfico nas aulas de história. Segundo Giora e Santana (2012):

Os quadrinhos trabalham com a lógica dos sentimentos, ou seja, com a subjetividade, enquanto primeira forma de consciência; ativam a imaginação criadora que envolve todas as funções superiores, além das emoções, de tal forma que o aluno elabora/se apropria de conteúdos que ultrapassam os especificados no tema proposto pelo educador. (Giora, 2012, p.60)

Portanto, a utilização das revistas em quadrinhos nas aulas de história podem ser um avanço no que se refere à produção de conhecimento, já que se trata de representações gráficas que são utilizadas pelos seres humanos desde os primórdios da humanidade. Desse

modo, as imagens já fazem parte do imaginário e da vida em sociedade e os quadrinhos são amplamente utilizados e consumidos por pessoas de diversas faixas etárias. Dito isso, o uso das revistas em quadrinhos (HQs) como recurso pode não apenas atrair os alunos para as aulas de história, mas também facilitar o ensino por se tratar de uma nova abordagem que, de certa forma, pode ser mais completa que a normalmente utilizada nos livros didáticos. A propósito:

Os desenhos ou representações gráficas, elementos fundamentais dos quadrinhos, estão presentes na história da humanidade desde tempos imemoriais. O homem das cavernas já utilizava o desenho para se expressar e se comunicar. Observa-se que também as crianças por volta dos 4 anos utilizam – se, de desenhos com a mesma finalidade. (Giora, 2012, p.60).

3 – Análise das HQs e o contexto da Guerra Fria.

Há vários pontos em comum entre os acontecimentos do Pós-Segunda Guerra e os quadrinhos que foram lançados na época. Como figuras principais, pode-se citar o Quarteto Fantástico e os quadrinhos do Hulk, ambos lançados na década de 1960 e cheios de referências gráficas e textuais que fazem alusão ao conflito. São exemplos a criação da bomba de hidrogênio e a própria corrida espacial, que foi responsável pela maioria dos avanços tecnológicos da época, também pela explosão da criação de vários heróis e vilões dos quadrinhos e dos cinemas, personagens que permeiam o cenário da cultura pop² até os dias de hoje. Esses conteúdos abordam temas diversos, desde a coragem, racismo e, até mesmo, o preconceito e a questão de gênero, assuntos que podem facilitar o trabalho do professor dentro e fora da sala de aula. Weschenfelder (2022) reitera que:

Os super-heróis estimulam nas crianças, virtudes como a coragem, enfrentando assim desafios; vencer os medos; proteger os mais fracos; defender ideais e etc. nesse cenário eles representam os atributos que os humanos mais admiram em si próprios. Estes personagens são mais que ídolos, são modelos morais. (Weschenfelder, 2022, p. 25).

Tratar da Guerra Fria³ é uma atividade bastante difícil, ainda mais quando o público são adolescentes que, na maioria das vezes, não entendem o porquê de estarem debatendo esse tipo de conteúdo. Por isso, o planejamento é essencial. Visando uma melhor interação com os alunos, este pesquisador buscou uma maneira de tratar o tema partindo da realidade e do cotidiano deles, utilizando como ferramenta as revistas em quadrinhos. Uma forma de arte

² A cultura popular representa um conjunto de saberes determinados pela interação dos indivíduos. Ela reúne elementos e tradições culturais que estão associados à linguagem popular e oral.

³ Guerra Fria foi um período de tensão geopolítica entre a União Soviética e os Estados Unidos e seus respectivos aliados, o Bloco Oriental e o Bloco Ocidental, após a Segunda Guerra Mundial.

que está dentro do dia a dia dos estudantes. Para tanto, foram utilizadas as revistas do incrível Hulk como uma forma de atrair a atenção dos alunos para o tema da Guerra Fria, analisando o contexto histórico da época a partir da publicação de 1962, do monstro verde que foi criado mediante a exposição a raios gama.

Toda a desinformação propaganda durante o conflito refletiu em um imaginário no que se refere à Guerra fria. O medo de deformidades era recorrente entre as pessoas comuns, o que acabou gerando um boom no que se refere à literatura de quadrinhos. E é nesse momento que a maioria dos heróis conhecidos hoje aparecem dentro de periódicos semanais. Como exemplos pode-se citar: Homem de ferro, Hulk e o Quarteto fantástico. Neto (2014) explica que:

Quando White comenta que determinados eventos são traumáticos ao ponto de não serem esquecidos, mas também impossíveis de serem lembrados em sua plenitude, obviamente que nos vem à mente um dos eventos mais chocantes do século XX que são as bombas atômicas jogadas sobre Hiroshima e Nagasaki em 1945. Tal evento, por sua catastrófica consequência, inaugurou na metade final do século XX um medo generalizado com relação às armas nucleares e a corrida armamentista da Guerra Fria. (Neto, 2014, p.2)

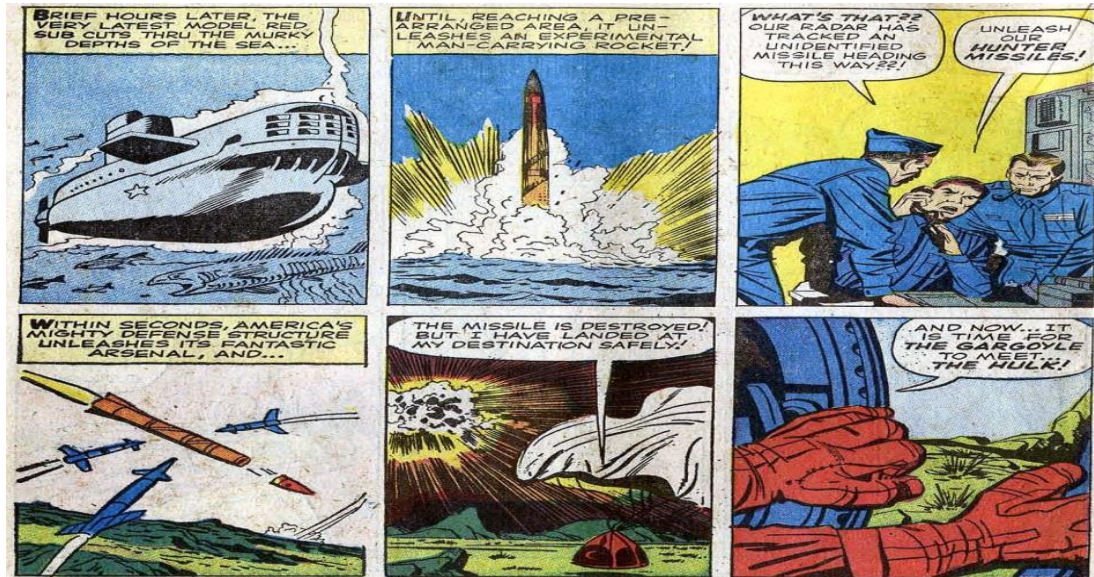
Fazendo uma analogia com a revista lançada na época, é possível abordar o contexto histórico geral. O lançamento aconteceu em 1962, no auge da corrida espacial onde duas potências disputavam para ver quem tinha a melhor tecnologia e o maior poderio militar, seja no âmbito dos satélites, seja no das bombas nucleares que, se utilizadas, poderiam facilmente ocasionar a maior catástrofe nuclear já vista na história. O uso dessas revistas é um meio de facilitar o entendimento dessa temática, pois a HQ “pode ser utilizada para introdução de conteúdo, explicação de conceitos, complemento de um conteúdo já ministrado, entre outras formas que irão depender do recurso e criatividade do professor” (Pinheiro, 2021.)

Dentro da revista há uma figura principal, que também era recorrente no período que compreende a Guerra Fria. Trata-se do Cientista que trabalha para o governo na produção de tecnologia e armamentos. Na narrativa, entre os vários cientistas, destaca-se Bruce Banner, cientista contratado pelo governo para trabalhar na produção da bomba de raios gama, uma clara alusão à criação da bomba de hidrogênio no período em questão.

Ainda falando de personagens contidos dentro das revistas em quadrinhos (HQs), particularmente o incrível Hulk, há os militares, muito presentes em todas as páginas da revista. Há, também, a participação de um exército antagonico, que tem bastante influência dentro dessa corrida armamentista pela bomba de raios gama. Os próprios inimigos do incrível Hulk, ao invés de super vilões, são soldados. Portanto, a luta do monstro verde é

contra o próprio exército, que também causava medo na população devido ao horror causado por uma suposta guerra nuclear, como apresentado na imagem a seguir:

Figura 4 - Imagem retirada da revista Hulk 01 de 1962



Autores: Stan Lee e Jack Kirby

Um outro ponto importante é o cenário onde se passam a maioria das histórias contidas na revista, que é um deserto. O próprio teste da bomba de hidrogênio foi feito em um deserto, no novo México, como ilustra Abeid: “Em 14 de julho de 1945 era testada, no deserto de Alamogordo, Novo México, a primeira bomba atômica” (Abeid, 2004). Trata-se de uma “coincidência” nada sutil entre a revista em quadrinho (HQs) e o contexto histórico geral da época, como apresentado na imagem que segue:

Figura 5 - Imagem retirada da revista Hulk 01, de 1962



Autores: Stan Lee e Jack Kirby

A espionagem era uma prática recorrente na Guerra Fria, tanto no imaginário popular quanto em livros e outras obras cinematográficas da época. Voltando os olhos para a revista que este artigo analisa, o próprio acidente que transforma o personagem protagonista em um monstro verde e raivoso é causado por um espião soviético, que acaba se infiltrando no laboratório americano onde estavam sendo realizados os testes para a bomba de raios gama. Neste caso, há uma alusão direta à bomba de hidrogênio que seria testada em 1954 (Abeid, 2004). É o que está evidenciado na imagem:

Figura 6 - Imagem retirada da revista Hulk 01 de 1962



Autores: Stan Lee e Jack Kirby 1

Essa breve análise já demonstra uma das possíveis abordagens para a utilização das revistas em quadrinhos (HQs) nas aulas de história, utilizando a revista como um recurso para ir em lugares onde o livro didático não alcança. Estes símbolos gráficos podem ser utilizados para introduzir temas complexos que fazem parte da disciplina:

A possibilidade da utilização de HQs no ensino de História rompe com a metodologia de uma aula exclusivamente utilizando o livro didático, na qual ele é a única fonte de conhecimento e reflexão histórica. Ampliando a perspectiva dos alunos para novas fontes históricas e novos métodos de aprendizagem. (Pinheiro, 2021, p. 14)

Corroborando com a citação de Pinheiro (2021), é possível afirmar que o uso das revistas em quadrinhos (HQs) pode representar uma mudança no paradigma da educação, fugindo da utilização exclusiva e muitas vezes excludente do livro didático, ampliando a visão dos educandos, mudando a forma como se pode construir o ensino nas aulas de história.

Ainda, transformando as aulas em momentos atrativos onde os alunos podem aprender de uma forma diferente do convencional e, o principal, podem aprender de uma forma que dialoga com seu cotidiano, influenciando não só na construção do conhecimento, mas na própria participação nas aulas de história.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A eficácia da aplicabilidade do uso das revistas em quadrinhos (HQs) no decorrer do estágio supervisionado III, que foi realizada no terceiro ano do ensino médio, na escola estadual de ensino médio Professor Francisco da Silva Nunes, em São João de Pirabas, no primeiro semestre de 2023, onde utilizei as revistas como um recurso para tratar de temas propostos no currículo escolar, além de fazer uma regência que fazia alusão aos conflitos do pós segunda guerra, tratei de temas transversais como o racismo, usando como recurso não apenas as revistas já citadas no artigo, mas também, revistas nacionais intituladas o conto dos orixás, tudo como uma forma de tratar o preconceito racial e religioso recorrente dentro da sociedade, de acordo com as ideias de Barroso, 2016:

O preconceito está presente em diversas práticas de discriminação contra formas de vida e modos de comportamento que não são aceitos em suas diferenças e particularidades. Mas os diferentes preconceitos – contra mulheres, negros/as, homossexuais, imigrantes, idosos/as, pessoas com deficiência, entre outros/as – comungam de uma mesma atitude, de um mesmo comportamento e forma de pensar. (Barroso, 2016, p,7)

A aula foi conduzida nos parâmetros já citados no artigo em questão, usando analogias entre os conteúdos do currículo e as revistas em quadrinhos (HQs), ressaltando pontos em comum e também particularidades, pois até mesmo as diferenças ou exageros contidos nas revistas serviam como uma forma de abordar os temas em questão de uma forma mais dinâmica e atrativa.

A regência acabou sendo mais produtiva até mesmo do que o esperado, foi recebida até com certo espanto por parte das(os) alunas(os), por se tratar de uma metodologia diferente do habitual, particularmente foi uma surpresa a aceitação dessa abordagem, onde os alunos puderam se sentir inseridos dentro da construção de conhecimento, dialogando com temas conhecidos e presentes dentro do seu dia a dia, sendo assim posso afirmar que o objetivo da utilização dessa nova ferramenta foi cumprido de maneira efetiva, seja como forma de atrair a atenção das(os) educandas(os), ou como uma forma de estimular a participação dos memos nas aulas de história.

No que se refere a chamar a atenção das(os) alunas(os), esse objetivo foi cumprido, pois dentre as regências que eu participei nunca havia contado com tanta atenção por parte das(os) educandos, percebia-se claramente o foco dentro da aula, o interesse e a vontade de construir conhecimento, na aula em questão e também nas aulas ministradas posteriormente a regência citada.

Um dos pontos que me chamou muita atenção nessa mudança de metodologia em sala de aula, foi a participação das(os) alunas(os), uma coisa que no decorrer do estágio raramente acontecia, mas com essa mudança, a participação foi quase total da turma, pois tratando de temas que estavam dentro de sua realidade as(os) alunas(os) se sentiram inseridos e representados em sala de aula, e essa foi uma das grandes vantagens de se trabalhar com as revistas em quadrinhos (HQs), a participação, pois só com a participação nos poderemos de fato construir conhecimento nas aulas de história, pois o conhecimento é o fruto de toda a nossa herança cultural, e de tudo que iremos deixar para as gerações futuras, segundo Campos 2012:

As vantagens da educação para indivíduos, sociedades e estados são extensamente reconhecidas, pois entre suas muitas potencialidades, ela permite o desenvolvimento de habilidades pessoais e a construção de conhecimentos que são o fruto da herança cultural de um povo e do conjunto da humanidade. Esse desenvolvimento individual traz benefícios para a coletividade, pois quem tem acesso à educação forma e compartilha ideias, valores e comportamentos socialmente desejáveis dispõe de melhores oportunidades de buscar meios para assegurar a própria sobrevivência e de participar de modo produtivo e construtivo da vida social. (Campos, 2012, p. 57)

A citação acima demonstra a importância da educação para a formação da cidadania não só no que se refere a nossas heranças culturais, mas no próprio desenvolvimento do indivíduo, que acarretará em benefícios coletivos, seja no desenvolvimento de valores ou no próprio compartilhamento de ideias, mas tudo isso só será possível com planejamento, com mudanças no paradigma da educação e com novas formas de atrair a atenção dessas(es) alunas(os) nas aulas de história, justamente por isso este artigo pensou uma forma diferente de se ministrar as aulas de história, com o uso das revistas em quadrinhos (HQs), como uma forma de atrair a atenção dessas(es) educandas(os), para que se possa realmente ocorrer a construção de conhecimento, dentro e fora de sala de aula.

Fica aqui uma reflexão, que mesmo as revistas em quadrinhos sendo um ótimo recurso dentro de sala de aula, e conseguindo de fato atrair a atenção dos alunos, devemos ressaltar e fazer uma reflexão sobre a ideologia imposta nessas obras, sobre a maneira como essas revistas acabam exaltando a ideologia americana, o modo de vida e os costumes norte-americanos.

REFERÊNCIAS

WESCHENFELDER, Gelson. Vamos usar quadrinhos em sala de aula? Os super-heróis invadem a escola. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

MEDONÇA, João Marcos Parreira. O ensino da arte e a produção de histórias em quadrinhos no Ensino Fundamental. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

BIAGI, Orivaldo Leme. O imaginário e as guerras da imprensa: estudo das coberturas realizadas pela imprensa brasileira da Guerra da Coreia (1950-1953) e da Guerra do Vietnã na ‘fase americana’ (1964-1973). Doutorado, IFCH/Unicamp, 2001. Cap. 4.

COSTA, Júlio Resende; SANTOS, Sônia Maria dos. Contribuições da École des Annales para a história cultural. **Revista Campo da História**, v. 8, n. 1, p. 142-158, 2023.

EISNER, Will. Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BARROS, José D`Assunção. Fontes Históricas – *uma introdução aos seus usos historiográficos*. Petrópolis; Editora Vozes, 2019.

LIMA, Douglas Mota Xavier, *Histórias em quadrinhos e o ensino de história*, Revista História Hoje, V. 6, N, 11, 2017

PINHEIRO, Carolyn Santiago, *Desenhando Arqueologia Amazônica: de caco a espetáculo e o “modesto museozinho” de Tom Wildi*, Ananindeua, 2021

CAMPOS, Helena Guimarães, *a história e a formação da cidadania nos anos iniciais do ensino fundamental*, 1. ed, São Paulo: Livraria Saraiva, 2012

ABEID, Leonardo Raduan de Felipe. *A Física Nuclear e suas aplicações: uma abordagem voltada ao ensino médio*, Instituto de Física do Rio de Janeiro, maio, 2004

NETO, Mario Marcello, *É possível representar o medo? Um estudo de caso sobre o temor nuclear nas animações contemporâneas*. 2014

BARROSO, Maria Lucia Silva, *O que é Preconceito*. Editora Serra Dourada, Brasília – DF, 2016.

GIORA, Beatriz P. Santana. *Quadrinhos no Cotidiano Escolar*, Universidade Mackenzie – SP, 2012.

SCHIMIDT, Felipe, *Breves considerações sobre a política de imigração dos estados unidos da américa: aspectos histórico-jurídicos*, 2013.

MASCARELLO, Fernando, *A História do Cinema Mundial*, Papiros Editora, Campinas – SP, 2006.

BURKE, *A revolução francesa da historiografia: a escola dos annales (1929-1989)*, Editora UNESP, Ed. 2, São Paulo, 1992

MENDONÇA, João Marcus Parreira, *A produção de histórias em quadrinhos no ensino da arte na contemporaneidade*, Universidade de São Paulo, 2011